

EDITORIAL

Infectologistas: as “Cassandras” da pandemia

Infectologists: the “Cassandras” of the pandemic

Infectólogos: las “Cassandras” de la pandemia

Flavia Julyana Pina Trench¹

¹Professora Assistente do Curso de Medicina da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino Americana), Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

Recebido em: 09/07/2020

Aceito em: 09/07/2020

Disponível online: 09/07/2020

Autor correspondente:

Flavia Julyana Pina Trench

flavia.trench@gmail.com

Para quem não manja de mitologia grega, Cassandra era filha do rei Príamo com a rainha Hécuba e sacerdotisa no templo de Apolo, na cidade de Troia.

Por não ter aceito os ardentes e insistentes convites de Apolo para *tomar um chopp no fim de tarde*, ela foi tratada como são tratadas muitas mulheres vítimas de admiradores indesejáveis.

Apolo não foi fisicamente violento, mas foi perverso e cruel em seu castigo, dando a Cassandra o dom de profetizar, mas com uma ressalva: ninguém acreditaria nas profecias dela, exceto quando fosse tarde demais.

Desde o início da pandemia nós, infectologistas, temos sido as *Cassandras*. Nunca somos ouvidos e muitas vezes, somos tratados como insanos.

No período de dezembro e janeiro, quando a pandemia estava num horizonte distante e aqui reinava a maior epidemia de dengue da história, mesclada com surtos de sarampo e de febre amarela, ninguém ouviu. Só se falava de coronavírus, enquanto adoecíamos e morríamos dessas outras doenças. Lembrando que duas delas tem prevenção vacinal efetiva e disponível gratuitamente no SUS. Mas, na quela época, ninguém queria falar de outra coisa que não fosse o SARS-CoV2.

Do final de janeiro e início de fevereiro, quando avisamos que deveríamos vigiar rigorosamente as fronteiras e fazer busca ativa e isolamento de sintomáticos e comunicantes provenientes de viagens do exterior acharam que era exagero.

Chegou março e, assustados com a evolução da doença no hemisfério norte, o brutal número de casos, mortes e a desestruturação do sistema de saúde, ninguém ouviu quando dissemos que era cedo para *lockdown*, uma medida extrema e final, já que ninguém aguenta mais que 30 dias de isolamento

sem degrading psicologicamente e economicamente.

Além disso, naquela época, havia o risco de empurrar a curva para dentro do inverno, quando teríamos que lidar com o coronavírus aliado aos demais vírus e a outros patógenos respiratórios que circulam nessa época.

Daí em final de abril, cansada de ficar em casa, a população não escutou quando falamos que a reabertura tinha que ser gradual e muito estruturada para não ocorrer um aumento abrupto dos casos e um colapso do sistema de saúde.

Essas foram só algumas das várias vezes nas quais os infectologistas não foram ouvidos durante essa pandemia.

Infelizmente, onde alguns vendem estratégias mágicas e tratamentos milagrosos, nós, infectologistas, só podemos dizer o seguinte:

- não existe tratamento preventivo;
- não existe tratamento específico;
- não teremos vacina tão cedo;
- as únicas medidas que podem dar algum impacto positivo são: uso de máscaras, higienização das mãos, distanciamento social, busca ativa de sintomáticos e comunicantes e o isolamento de todos;
- testagem em massa dos sintomáticos;
- estratégias de epidemiologia para acompanhar espalhamento viral;
- telemedicina e teleorientação, e
- ampliar ao máximo o número de leitos de terapia intensiva.

Assim como *Cassandra*, nós não fomos e não seremos escutados, pois poucos são os ouvidos que aceitam verdades incômodas.

Não seremos ouvidos, não seremos chamados a opinar,

debater ou participar em ações de enfrentamento à pandemia na maior parte das cidades, embora sejamos os profissionais que trabalham com doenças infecciosas todo o santo dia, faça chuva ou sol. Afinal, lidar com infecções virais é o nosso ganha pão.

Também não serão chamados pneumologistas ou intensivistas, outras *Cassandras* com notícias reais.

Nossa fala é dura, objetiva, realista e pede a cada um, enormes e constantes sacrifícios neste percurso obscuro, longo e incerto. Somos arautos das verdades incômodas. Onde os ignorantes tem certezas, nós temos dúvidas, hipóteses e possibilidades.

Nossas esperanças não são eufóricas, nem ufanistas. São pequenas e restritivas, mas bem embasadas. Não nos escutarão, sabemos. Nós cometemos o pecado de não atender ao desejo alheio, assim como *Cassandra*!

Talvez finalmente um dia nos escutem... quando for tarde demais!

Talvez, depois....

Para o momento resta a mim e aos meus pares infectologistas desenvolver qualidades das quais, eu pelo menos, muito careço: humildade, paciência e resignação.